

UNIVERSIDADE ESTADUAL DO MARANHÃO
CENTRO DE CIÊNCIAS SOCIAIS APLICADAS
CURSO DE LICENCIATURA EM PEDAGOGIA

CARLIANE DIAS DA SILVA ALVES
ILMA DIAS DOS SANTOS

BULLYING NO AMBIENTE ESCOLAR: Proposta de Intervenção Pedagógica no
Ensino Fundamental na Unidade Integrada Isaltina Pereira Araújo

Barra do Corda
2025

CARLIANE DIAS DA SILVA ALVES
ILMA DIAS DOS SANTOS

BULLYING NO AMBIENTE ESCOLAR: Proposta de Intervenção Pedagógica no
Ensino Fundamental Unidade Integrada Isaltina Pereira Araújo

Proposta Pedagógica apresentada como Trabalho de Conclusão do Curso, na Universidade Estadual do Maranhão, como requisito para obtenção de habilitação de Licenciada em Pedagogia.

Orientadora: Profa. Dra. Marinete Moura da Silva Lobo

Alves, Carliane Dias da Silva.

Bullyng no ambiente escolar: proposta de intervenção pedagógica no ensino fundamental Unidade Integrada Isaltina Pereira Araujo / Carliane Dias da Silva Alves, Ilma Dias dos Santos. - Barra do Corda - MA, 2026.

37 f.

Monografia (Graduação em Pedagogia Licenciatura) - Universidade Estadual do Maranhão, Campus Barra do Corda, 2026.

Orientadora: Profa. Dra. Marinete Moura da Silva Lobo.

1. Bullyng. 2. Intervenção pedagógica. 3. Ensino fundamental. 4. Educação socioemocional. 5. Ambiente escolar seguro. I. Santos, Ilma Dias dos. II. Título.

CDU: 37.015.31:373.3


CARLIANE DIAS DA SILVA ALVES
ILMA DIAS DOS SANTOS

BULLYING NO AMBIENTE ESCOLAR: Proposta de Intervenção Pedagógica no
Ensino Fundamental Unidade Integrada Isaltina Pereira Araújo


Proposta Pedagógica apresentada como
Trabalho de Conclusão do Curso, na
Universidade Estadual do Maranhão, como
requisito para obtenção de habilitação de
Licenciada em Pedagogia.

Banca de Defesa de TCC- 22/01/2026


BANCA EXAMINADORA

Documento assinado digitalmente
 **MARINETE MOURA DA SILVA LOBO**
Data: 31/03/2026 08:19:20-0300
Verifique em <https://validar.iti.gov.br>

Professora Orientadora Dra. Marinete Moura Da Silva Lobo
Doutorado em Ensino pela Universidade do Vale do Taquari - UNIVATES, Brasil
Professora Orientadora da Universidade Estadual do Maranhão

Documento assinado digitalmente
 **FRAIRON CESAR GOMES ALMEIDA**
Data: 31/03/2026 08:48:22-0300
Verifique em <https://validar.iti.gov.br>

Frairon César Gomes Almeida.
Doutor em Ensino- Universidade do Vale do Taquari-UNIVATES/RS

Documento assinado digitalmente
 **ALISSON DA SILVA SANTOS**
Data: 01/04/2026 07:56:13-0300
Verifique em <https://validar.iti.gov.br>

Alisson da Silva Santos
Licenciatura em Pedagogia-União Brasileira de Faculdades-UNIDF
Especialização em Atendimento Educacional Especializado.

Dedicamos este trabalho, primeiramente, a Deus, por nos conceder força, sabedoria e perseverança ao longo desta caminhada acadêmica. Aos nossos familiares, que sempre estiveram ao nosso lado, oferecendo amor, apoio e incentivo em todos os momentos, mesmo diante das dificuldades. Aos nossos professores, que contribuíram para nossa formação com dedicação e conhecimento, ajudando-nos a crescer não apenas como estudantes, mas também como pessoas. E, por fim, dedicamos este trabalho uma à outra, pela parceria, companheirismo, paciência e esforço compartilhado durante toda a construção deste TCC. Que esta conquista represente apenas o início de muitas outras vitórias em nossas vidas.

Com gratidão.

RESUMO

O bullying configura-se como um fenômeno complexo e multifacetado que compromete a segurança, o bem-estar e o desenvolvimento integral dos estudantes no contexto escolar. Este Trabalho de Conclusão de Curso caracterizou-se como um projeto de intervenção pedagógica, cujo objetivo geral consistiu em propor estratégias educativas voltadas à prevenção e ao enfrentamento do bullying em uma escola municipal. Como objetivos específicos, buscou-se ampliar a compreensão da comunidade escolar acerca do fenômeno, promover momentos formativos que possibilitassem aos estudantes o reconhecimento de situações de bullying, estimular o desenvolvimento da empatia e das habilidades socioemocionais, bem como contribuir para a elaboração de protocolos de intervenção e acolhimento. A intervenção foi realizada com três turmas do Ensino Fundamental - 5º ano A, 5º ano B e 6º ano A - totalizando 66 alunos, por meio de exposição dialogada, exibição de vídeos educativos e da dinâmica denominada “Caixinha do Desabafo”, que possibilitou a expressão de vivências e sentimentos em um espaço seguro de escuta. Os resultados evidenciaram elevada incidência de situações relacionadas ao bullying, visto que trinta e quatro alunos relataram ter sido vítimas, cinco se identificaram como espectadores e dois como agressores, cujas narrativas revelaram impactos significativos no desenvolvimento escolar e emocional, como isolamento social, queda no rendimento acadêmico e relatos de sofrimento intenso. A fundamentação teórica baseou-se em autores como Fante, Freire e Vygotsky, bem como na Lei nº 13.185/2015, que institui o Programa de Combate à Intimidação Sistemática. Concluiu-se que o enfrentamento do bullying exige ações pedagógicas contínuas, coletivas e sistêmicas, fundamentadas na educação socioemocional, na criação de canais de escuta seguros e na corresponsabilização de toda a comunidade escolar.

Palavras-chave: Bullying. Intervenção pedagógica. Ensino Fundamental. Educação socioemocional. Ambiente Escolar Seguro.

ABSTRACT

Bullying is understood as a complex and multifaceted phenomenon that compromises the safety, well-being, and overall development of students in the school context. This Graduation Thesis was characterized as a pedagogical intervention project, whose general objective was to propose educational strategies aimed at preventing and addressing bullying in a municipal school. As specific objectives, it sought to expand the school community's understanding of the phenomenon, promote formative moments that enabled students to recognize bullying situations, foster the development of empathy and socio-emotional skills, as well as contribute to the creation of intervention and support protocols. The intervention was carried out with three Elementary School classes - 5th grade A, 5th grade B, and 6th grade A - totaling 66 students, through a dialogued presentation, screening of educational videos, and a dynamic activity called "Little Box of Venting," which allowed the expression of experiences and feelings in a safe listening space. The results showed a high incidence of situations related to bullying, as 34 students reported having been victims, 5 identified themselves as bystanders, and 2 as aggressors, whose accounts revealed significant impacts on academic and emotional development, such as social isolation, decreased academic performance, and reports of intense suffering. The theoretical foundation was based on authors such as Fante, Freire, and Vygotsky, as well as on Law No. 13,185/2015, which establishes the Program to Combat Systematic Bullying. It was concluded that tackling bullying requires continuous, collective, and systemic pedagogical actions, grounded in socio-emotional education, the creation of safe listening channels, and the shared responsibility of the entire school community.

Keywords: Bullying. Educational intervention. Elementary education. Socioemotional education. Safe school environment.

SUMÁRIO

1 INTRODUÇÃO.....	9
2 OBJETIVOS.....	11
2.1 Objetivo Geral.....	11
2.2 Objetivos Específicos.....	11
3 JUSTIFICATIVA.....	11
4 REFERENCIAL TEÓRICO	14
4.1 Tipos de Bullying trabalhado; Físico, Verbal, Psicológico/Moral e Cyberbullying	16
4.2 Perfis: Agressor, Vítima e Espectadores.....	16
4.3 Causas do Bullying.....	17
4.4 Marco Legal: A Lei nº 13.185/2015.....	19
4.5 A Escola Como Espaço de enfrentamento.....	19
4.6 Educação Socioemocional e a BNCC	19
5 METODOLOGIA	20
5.1 Caracterização da Proposta Pedagógica.....	20
5.2 Local e Sujeitos do Campo de Realização da Proposta Pedagógica.....	20
5.3 Desenvolvimento das Ações da Proposta de Intervenção Pedagógica....	21
6 RESULTADOS E DISCUSSÕES.....	23
6.1 Produção dos Dados a partir da dinâmica Caixinha do Desabafo.....	23
6.2 Relatos dos Participantes.....	25
6.3 Discussões e Confronto com a Literatura.....	26
7 PROPOSTA DE INTERVENÇÃO E ESTRATÉGIAS DE ENFRENTAMENTO....	27
7.1 Estratégia Proposta para Escola Campo da Proposta Pedagógica.....	27
8 CONSIDERAÇÕES FINAIS.....	29
REFERÊNCIAS	32
APÊNDICE 1 - Carta de Apresentação.....	34
APÊNDICE 2 - Registros fotográficos da do material dos alunos.....	35
APÊNDICE 3 - Registro fotográfico - 5º ano a matutino.....	36
APÊNDICE 3-A- Registro fotográfico 5º ano b matutino.....	36
APÊNDICE 4 – Registro fotográfico do 6º ano matutino.....	37

O bullying é definido como uma forma de violência interpessoal caracterizada por comportamentos agressivos, intencionais, repetitivos e marcados por desequilíbrio de poder entre os envolvidos (OLWEUS, 1993). Trata-se de um fenômeno que pode se manifestar de maneira física, verbal, psicológica, relacional ou virtual, assumindo diferentes configurações no ambiente escolar. No Brasil, a Lei nº 13.185/2015 reconhece o bullying como intimidação sistemática e reforça a necessidade de ações preventivas nas instituições de ensino.

O ambiente escolar deve constituir-se como espaço privilegiado de aprendizagem, desenvolvimento integral e socialização, garantindo a todos os estudantes o direito à segurança, ao respeito e à convivência saudável. Entretanto, a presença do bullying desafia esse ideal, pois compromete o bem-estar emocional dos alunos e interfere negativamente no processo de ensino-aprendizagem. Estudos apontam que estudantes envolvidos em situações de bullying — especialmente vítimas — apresentam maior propensão a desenvolver ansiedade, depressão, baixa autoestima e dificuldades de concentração, fatores que impactam diretamente o desempenho acadêmico (OLWEUS, 1993; SILVA et al., 2022). Além disso, a vivência contínua de situações de humilhação pode contribuir para o isolamento social e, em casos mais graves, para a evasão escolar.

De acordo com Silva (2010) e Teixeira (2013), as atitudes que caracterizam o bullying podem manifestar-se de maneira direta ou indireta. A forma direta ocorre quando o agressor intimida a vítima explicitamente, por meio de agressões físicas, insultos verbais ou ameaças. Já a forma indireta, embora mais sutil e de difícil identificação, expressa-se por meio de boatos, exclusões sociais, manipulação de relações interpessoais e comportamentos velados que conduzem ao isolamento da vítima. Ambas as formas são igualmente prejudiciais ao desenvolvimento socioemocional dos estudantes e, muitas vezes, acabam sendo naturalizadas no cotidiano escolar.

Teixeira (2013) destaca ainda os diferentes papéis assumidos nas situações de bullying: agressor, vítima e espectadores. Os espectadores, embora não participem diretamente das agressões, desempenham papel fundamental na manutenção ou no enfrentamento do problema. O silêncio, a omissão ou o incentivo implícito podem reforçar a prática da violência. Por outro lado, quando orientados adequadamente, os

espectadores podem tornar-se agentes de mudança, denunciando situações e apoiando colegas em situação de vulnerabilidade.

Considerando essa complexidade, a presente proposta de intervenção pedagógica tem como foco principal os estudantes do Ensino Fundamental, por meio do desenvolvimento sistemático de competências socioemocionais, especialmente empatia, respeito às diferenças, autocontrole e resolução pacífica de conflitos. Paralelamente, prevê-se a formação continuada dos professores, a fim de capacitá-los para identificar precocemente situações de bullying e intervir de maneira pedagógica e restaurativa.

A intervenção fundamenta-se em atividades integradas ao currículo escolar, tais como rodas de conversa mediadas, dinâmicas cooperativas, produção de textos reflexivos, análise de situações-problema e campanhas internas de conscientização. Essas ações buscam promover o diálogo aberto, a escuta ativa e a cultura de paz no ambiente escolar. Diferentemente de abordagens exclusivamente punitivas, a proposta prioriza práticas educativas contínuas, compreendendo que a mudança de comportamento demanda reflexão, orientação e acompanhamento.

O envolvimento das famílias será realizado por meio de reuniões temáticas, palestras educativas, envio de materiais informativos e criação de espaços de diálogo entre escola e responsáveis. Pretende-se promover a conscientização acerca dos sinais de alerta, das consequências do bullying e da importância do fortalecimento de vínculos familiares baseados no diálogo e no respeito. A parceria entre escola e família é entendida como elemento essencial para a efetividade das ações preventivas.

A partir de revisão bibliográfica e da análise de uma intervenção prática com alunos do Ensino Fundamental, este trabalho defende que a superação do bullying depende de um esforço coletivo e contínuo, sustentado pela conscientização, pelo diálogo e pela implementação de políticas institucionais claras e preventivas. Ao assumir esse compromisso, a escola reafirma seu papel social não apenas como espaço de transmissão de conhecimentos, mas como ambiente formador de sujeitos críticos, éticos e solidários, capazes de contribuir para a construção de uma sociedade mais justa, democrática e livre de violência.

2 OBJETIVOS

2.1 Objetivo Geral

Desenvolver estratégias pedagógicas educativas voltadas à prevenção e ao enfrentamento do bullying no contexto da UI Isaltina Pereira Araújo, por meio de ações que promovam a conscientização, o respeito mútuo, a empatia e a convivência ética, envolvendo de forma articulada estudantes e professores, com vistas à construção de um ambiente escolar seguro, inclusivo e acolhedor.

2.2 Objetivos Específicos

- Discutir as concepções sobre o bullying (físico, psicológico, verbal e cyberbullying), suas causas e as consequências graves para agressores, vítimas e espectadores;
- Desenvolver atividades que encorajem os alunos a se colocarem no lugar do outro, promovendo a solidariedade e a compaixão;
- Orientar que os casos de bullying sejam investigados de forma imediata, justa e imparcial, com o envolvimento da equipe pedagógica e das famílias, oferecendo apoio psicológico às vítimas e orientação aos agressores.

3 JUSTIFICATIVA

A escola constitui-se como um espaço fundamental para a formação integral do indivíduo, não apenas no que se refere à aprendizagem de conteúdos curriculares, mas também à construção de valores, atitudes e habilidades socioemocionais indispensáveis à convivência em sociedade. Nesse sentido, espera-se que o ambiente escolar seja pautado pelo respeito, pela cooperação e pela promoção de relações interpessoais saudáveis. No entanto, a recorrência de episódios de bullying nas instituições de ensino revela a existência de práticas de violência sistemática que comprometem esse ideal educativo e afetam significativamente o desenvolvimento emocional, social e acadêmico dos estudantes.

Pesquisas nacionais e internacionais evidenciam a amplitude e a gravidade do problema. Dados da Pesquisa Nacional de Saúde do Escolar (PeNSE), realizada pelo Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística (IBGE), indicam que cerca de um em cada cinco estudantes brasileiros já sofreu algum tipo de bullying no ambiente escolar. Estudos da Organização das Nações Unidas para a Educação, a Ciência e a Cultura (UNESCO) apontam que a violência entre pares impacta diretamente o desempenho acadêmico, aumenta os índices de evasão e está associada a sintomas de ansiedade, depressão e ideação suicida. Tais dados ratificam a urgência de ações sistemáticas de prevenção e intervenção no contexto escolar.

O bullying caracteriza-se por ações intencionais e repetitivas de agressão, que podem se manifestar de forma física, verbal, psicológica, moral e, mais recentemente, por meio das tecnologias digitais, configurando o cyberbullying. Essas práticas produzem impactos profundos na autoestima, no rendimento escolar, na saúde mental e na permanência dos estudantes na escola, podendo desencadear quadros de ansiedade, depressão, isolamento social e evasão escolar. Além disso, o clima de medo e insegurança gerado por essas situações compromete o processo de ensino-aprendizagem e afeta toda a comunidade escolar, incluindo vítimas, agressores e espectadores.

Apesar da gravidade do fenômeno, o bullying ainda é frequentemente naturalizado no contexto escolar, sendo interpretado como conflitos comuns da infância e da adolescência. Tal compreensão contribui para a invisibilização do problema e para a ausência de intervenções pedagógicas sistemáticas e eficazes. Soma-se a isso o fato de que muitos profissionais da educação não dispõem de formação específica para identificar precocemente os sinais de violência, intervir de forma adequada e desenvolver ações preventivas contínuas, o que fragiliza as estratégias institucionais de enfrentamento.

Outro fator relevante refere-se à fragilidade da articulação entre escola e família no acompanhamento das situações de violência. Em muitos casos, as famílias não são devidamente informadas ou não se sentem preparadas para lidar com as consequências emocionais vivenciadas pelos estudantes, o que dificulta a construção de uma rede de apoio e corresponsabilização. A ausência de diálogo entre os diferentes atores envolvidos favorece a perpetuação do problema e contribui para a sensação de impunidade, reforçando um ciclo de violência que se mantém ao longo do tempo.

Do ponto de vista legal e pedagógico, o enfrentamento ao bullying está alinhado aos princípios da educação inclusiva, da promoção dos direitos humanos e da garantia de um ambiente escolar seguro, conforme preconizam a Constituição da República Federativa do Brasil de 1988, o Estatuto da Criança e do Adolescente, a Lei nº 13.185/2015 (Programa de Combate à Intimidação Sistemática) e a Base Nacional Comum Curricular, que enfatiza o desenvolvimento de competências socioemocionais, como empatia, respeito, responsabilidade e resolução pacífica de conflitos. Dessa forma, torna-se evidente que a escola possui não apenas um compromisso pedagógico, mas também ético e legal no enfrentamento desse fenômeno.

Diante desse cenário, justifica-se a implementação de uma proposta de intervenção pedagógica voltada à prevenção e ao enfrentamento do bullying, com foco na conscientização, no fortalecimento do diálogo, na valorização das diferenças e na promoção de uma cultura de paz. Considerando a realidade da Unidade Integrada Isaltina Pereira Araújo, propõe-se que a intervenção seja direcionada prioritariamente aos estudantes dos anos finais do Ensino Fundamental (6º ao 9º ano), faixa etária que compreende, em média, adolescentes entre 11 e 15 anos, período em que as interações sociais se intensificam e os episódios de intimidação tendem a se manifestar com maior frequência. Contudo, recomenda-se que ações preventivas também sejam desenvolvidas nos anos iniciais, de forma adaptada à faixa etária, a fim de promover desde cedo a cultura do respeito e da empatia.

A realização de atividades educativas que envolvam estudantes, professores e famílias possibilita a reflexão crítica sobre as práticas de violência, a identificação da realidade local e a construção coletiva de estratégias de convivência respeitosa. Assim, a presente proposta justifica-se pela necessidade de transformar a escola em um espaço efetivamente seguro, inclusivo e acolhedor, no qual todos os estudantes possam desenvolver-se de forma plena, tanto no aspecto cognitivo quanto socioemocional. Ao contribuir para a formação de sujeitos conscientes, solidários e capazes de resolver conflitos de maneira ética e dialogada, a intervenção pedagógica fortalece o papel social da escola na promoção da cidadania e da convivência democrática, aspectos essenciais para a construção de uma sociedade mais justa e menos violenta.

4 REFERENCIAL TEÓRICO

O bullying é compreendido como um conjunto de atos de violência física ou psicológica, intencionais e repetitivos, praticados por um indivíduo ou grupo contra uma ou mais pessoas, caracterizando uma relação de desequilíbrio de poder entre as partes envolvidas (SILVA, 2010; FANTE, 2005). Não se trata de um conflito pontual ou de uma briga ocasional entre pares com forças equivalentes, mas de uma agressão sistemática que visa intimidar, humilhar e causar sofrimento à vítima.

A literatura especializada enfatiza que três elementos são estruturantes para a caracterização do bullying: a intencionalidade, a repetição e o desequilíbrio de poder. A intencionalidade refere-se à ação deliberada de causar dano, seja físico, moral, emocional ou social. Diferentemente de situações de conflito espontâneo, no bullying há a clara intenção de ferir e subjugar. A repetição, por sua vez, não significa apenas a frequência dos ataques, mas a sua permanência ao longo do tempo, configurando uma dinâmica continuada de opressão. Já o desequilíbrio de poder pode manifestar-se de diversas formas: força física, popularidade, superioridade econômica, idade, desempenho acadêmico ou até mesmo domínio tecnológico, como ocorre no caso do cyberbullying. Esse desequilíbrio impede que a vítima consiga se defender em condições equivalentes, reforçando a assimetria da relação.

A Lei nº 13.185/2015, que institui o Programa de Combate à Intimidação Sistemática (Bullying), reforça essa definição ao destacar a prática intencional e

repetitiva, exercida sem motivação evidente, em contexto de desequilíbrio de poder. Ao reconhecer juridicamente essas características, o legislador incorpora ao ordenamento brasileiro conceitos já consolidados na produção acadêmica internacional e nacional. Contudo, é importante observar que a legislação não apenas define o fenômeno, mas também o enquadra como problema de saúde pública e de política educacional, ampliando sua compreensão para além do espaço escolar.

A sistematicidade é, portanto, o elemento central que diferencia o bullying de outras formas de violência interpessoal. Ela produz na vítima um estado contínuo de alerta e vulnerabilidade, comprometendo sua autoestima, seu rendimento escolar e sua saúde mental. Estudos indicam que a exposição prolongada a esse tipo de violência pode desencadear quadros de ansiedade, depressão, evasão escolar e, em casos mais graves, ideação suicida. Assim, o bullying deve ser compreendido não apenas como um problema disciplinar, mas como uma violação de direitos fundamentais, especialmente o direito à dignidade, à integridade psicológica e ao pleno desenvolvimento.

Além disso, o fenômeno precisa ser analisado sob uma perspectiva relacional e sistêmica. O bullying não envolve apenas agressor e vítima, mas também espectadores, que podem reforçar, legitimar ou silenciar diante da violência. A omissão do grupo contribui para a manutenção da dinâmica de poder, consolidando a posição de superioridade do agressor. Nesse sentido, a cultura escolar e as práticas institucionais desempenham papel determinante na prevenção ou perpetuação dessas condutas.

Portanto, ao diferenciar o bullying de conflitos eventuais, é imprescindível considerar não apenas a frequência dos atos, mas a estrutura de poder que sustenta a violência e seus impactos prolongados sobre a vítima. Essa compreensão ampliada permite fundamentar intervenções pedagógicas mais eficazes e políticas públicas que priorizem a prevenção, a formação de educadores e a construção de ambientes escolares seguros e inclusivos.

4.1 Tipos do bullying trabalhados; físico, verbal, psicológico/moral e cyberbullying.

O bullying se manifesta de diversas formas, podendo ser classificado conforme a natureza das agressões, Teixeira (2013).

□ Bullying Físico: Envolve agressões corporais diretas, como empurrões, chutes, socos, beliscões, ou indiretas, como roubo ou destruição de pertences.

□ Bullying Verbal: Caracteriza-se pelo uso da palavra para ofender, humilhar e amedrontar. Inclui xingamentos, apelidos pejorativos, insultos, ameaças e comentários depreciativos.

□ Bullying Psicológico/Moral: Visa abalar a autoestima e o equilíbrio emocional da vítima. Manifesta-se através de perseguição, chantagem, manipulação, difamação, exclusão social consciente e premeditada, e espalhamento de rumores.

□ Cyberbullying: Refere-se à prática de intimidação sistemática realizada por meio de dispositivos eletrônicos e ambientes digitais, como redes sociais, aplicativos de mensagens e plataformas online. Inclui o envio de mensagens ofensivas, a divulgação de imagens ou vídeos constrangedores sem consentimento, a criação de perfis falsos e a disseminação de boatos com o objetivo de expor, humilhar ou intimidar a vítima. Assim como no bullying presencial, estão presentes a intencionalidade, a repetição e o desequilíbrio de poder, que, no contexto virtual, pode manifestar-se pelo domínio tecnológico ou pelo uso do anonimato. Entretanto, essa modalidade apresenta agravantes específicos, como o amplo alcance da divulgação, a permanência do conteúdo na internet e a ausência de limites temporais e espaciais, já que a violência pode ocorrer a qualquer momento e ultrapassar os muros da escola. Tais características intensificam o sofrimento da vítima e ampliam os impactos emocionais, exigindo da escola e da família não apenas medidas disciplinares, mas ações voltadas à educação digital crítica e à promoção do uso ético e responsável das tecnologias.

4.2 Perfis Envolvidos: agressor, vítima e espectadores

A dinâmica do bullying envolve papéis sociais bem definidos, Olweus (1993).

□ **Agressor:** Geralmente busca demonstrar poder e dominância sobre os outros. Pode apresentar um perfil impulsivo, com dificuldade de seguir regras e de se colocar no lugar do outro. Segundo Klein (2011), muitos agressores buscam preencher lacunas psicológicas próprias, reproduzindo em seu comportamento agressões ou carências vividas em seu contexto familiar.

□ **Vítima:** Comumente são crianças ou adolescentes percebidos como diferentes do grupo, mais introspectivos, com baixa autoestima ou com dificuldades de se defender. O sofrimento constante pode levá-los ao isolamento, à queda no rendimento escolar, a transtornos psicossomáticos e, em casos extremos, à ideação suicida.

□ **Espectadores:** A grande maioria dos alunos testemunha as agressões. Podem ser passivos (apenas observam), ativos (incitam ou riem da situação) ou defensores (intervêm ou buscam ajuda). O silêncio dos espectadores, muitas vezes motivado pelo medo de se tornar a próxima vítima, é um dos principais fatores que perpetuam o bullying.

4.3 Causas e consequências do bullying, Antunes (2019)

As causas do bullying devem ser compreendidas a partir de uma perspectiva multicausal e sistêmica, uma vez que o fenômeno não se explica por fatores isolados, mas pela interação dinâmica entre dimensões individuais, familiares, institucionais e socioculturais. No plano individual, aspectos como déficits no desenvolvimento da empatia, dificuldades na regulação emocional, necessidade de afirmação identitária por meio da dominação e busca por reconhecimento social podem contribuir para a adoção de comportamentos agressivos. Contudo, reduzir o bullying a traços de personalidade implicaria uma análise simplificadora, desconsiderando os contextos que legitimam e reproduzem tais condutas.

No âmbito familiar, pesquisas indicam que ambientes marcados por violência doméstica, práticas educativas coercitivas ou ausência de supervisão parental tendem a favorecer a internalização da agressividade como estratégia relacional. A falta de diálogo, de mediação de conflitos e de estabelecimento de limites consistentes pode comprometer o desenvolvimento de habilidades socioemocionais fundamentais, como respeito às diferenças e resolução pacífica de conflitos. Assim, a família atua tanto

como espaço de proteção quanto como possível núcleo de reprodução de padrões violentos.

Entretanto, é no contexto escolar que essas disposições encontram terreno para se manifestar e se consolidar. A escola, enquanto espaço de socialização secundária, organiza relações de poder, hierarquias simbólicas e dinâmicas de pertencimento. Em ambientes onde há fragilidade nas políticas de convivência, ausência de protocolos claros de intervenção ou naturalização de práticas discriminatórias, comportamentos como apelidos depreciativos, exclusão sistemática de colegas, disseminação de boatos ou intimidações físicas podem se tornar recorrentes e institucionalmente invisibilizados. Nesses casos, o bullying deixa de ser apenas uma ação individual e passa a refletir falhas estruturais na gestão do clima escolar.

Além disso, o fenômeno deve ser analisado à luz de uma sociedade marcada por forte competitividade, valorização do desempenho e padronização de identidades. Estudantes que fogem aos padrões hegemônicos — seja por características físicas, condição socioeconômica, orientação sexual, desempenho acadêmico ou pertencimento étnico — tornam-se mais vulneráveis a processos de estigmatização. Assim, o bullying pode ser compreendido também como expressão microestrutural de desigualdades sociais mais amplas.

No que se refere às consequências, estas extrapolam o campo disciplinar e configuram-se como questão de saúde mental e de garantia de direitos. Para a vítima, a exposição contínua à intimidação sistemática pode desencadear quadros de ansiedade, depressão, fobia escolar e rebaixamento significativo da autoestima (ANTUNES; ZUIN, 2019). No cotidiano escolar, tais impactos manifestam-se na queda do rendimento acadêmico, dificuldade de concentração, evasão ou absenteísmo recorrente. A longo prazo, os efeitos podem repercutir na constituição da identidade, nas relações interpessoais e na inserção social e profissional na vida adulta.

O agressor, por sua vez, também deve ser compreendido dentro de uma lógica formativa. Quando não há intervenção pedagógica adequada, a repetição da conduta violenta pode reforçar padrões de dominação e insensibilidade moral, ampliando a probabilidade de comportamentos antissociais futuros. Nesse sentido, o bullying não produz apenas vítimas diretas, mas também sujeitos que podem consolidar trajetórias marcadas pela violência relacional.

Os espectadores, frequentemente negligenciados na análise, ocupam posição estratégica na dinâmica do fenômeno. Ao presenciarem situações reiteradas de humilhação sem que haja resposta institucional efetiva, podem internalizar a violência como prática legítima ou desenvolver sentimentos de medo, impotência e culpa. O silêncio coletivo, portanto, não é neutro: ele sustenta e legitima a assimetria de poder que caracteriza o bullying.

Dessa forma, as causas e consequências do bullying revelam-se interdependentes e estruturadas por múltiplos níveis de influência. Compreendê-las exige superar análises individualizantes e adotar uma perspectiva crítica que considere a cultura escolar, as práticas institucionais e os condicionantes sociais mais amplos. Tal abordagem amplia a fundamentação teórica e fortalece a defesa de políticas públicas e práticas pedagógicas que promovam a convivência democrática, a cultura de paz e a formação ética dos sujeitos.

4.4 Marco Legal: a Lei nº 13.185/2015

A Lei nº 13.185/2015 representou um avanço crucial ao reconhecer o bullying como um problema de ordem pública que demanda políticas específicas. A lei define o bullying, detalha suas formas de manifestação (Art. 3º) e estabelece os objetivos de um programa nacional de combate, que inclui prevenir, capacitar educadores, assistir vítimas e agressores, e promover a cultura de paz (Art. 4º). Ela ainda responsabiliza os estabelecimentos de ensino por assegurar medidas de conscientização, prevenção e combate (Art. 5º), tornando a escola corresponsável legalmente pelo enfrentamento do problema.

4.5 A escola como espaço de enfrentamento

A escola é o palco principal do bullying e, portanto, deve ser a principal agência de seu enfrentamento. Para Freire (1996), a educação é um ato de liberdade e diálogo. Um ambiente autoritário e opressor reproduz a lógica do bullying. Assim, a construção de uma escola democrática, onde o diálogo e o respeito à diversidade sejam pilares, é fundamental para a prevenção.

Vygotsky (1998), ao destacar a importância das interações sociais para o desenvolvimento, reforça que as relações entre pares na escola são formativas. Interações pautadas pelo bullying são danosas ao desenvolvimento psicológico. A escola precisa, então, mediar e qualificar essas interações.

Libâneo (2001) defende uma escola que promova a formação integral, incluindo a dimensão ética e socioemocional. Programas contínuos de prevenção ao bullying se alinham a essa visão, formando cidadãos mais empáticos e responsáveis.

4.6 Educação socioemocional e a BNCC

A Base Nacional Comum Curricular (BRASIL, 2017) incorpora o desenvolvimento de competências socioemocionais como essencial para a educação integral. Competências como autogestão, empatia, responsabilidade e relacionamento social são diretamente antagônicas à dinâmica do bullying. Trabalhar essas habilidades de forma transversal no currículo, desde a educação infantil, é uma estratégia preventiva poderosa e alinhada às diretrizes nacionais, preparando os alunos não apenas academicamente, mas para a vida em sociedade.

5 METODOLOGIA

5.1 Caracterização da proposta pedagógica.

Trata-se de uma proposta de intervenção pedagógica voltada à prevenção e ao combate ao bullying, que buscou, a partir de uma ação prática em um contexto específico, gerar reflexão, coletar dados e propor melhorias para a realidade observada.

5.2 Local e sujeitos do campo de realização da proposta de intervenção pedagógica.

A intervenção foi desenvolvida na Escola Municipal Unidade Integrada Isaltina Pereira Araujo, localizada na Avenida Principal, Vila Mariano em Barra do Corda do

Maranhão. As atividades foram aplicadas nas turmas do 5º ano A, 5º ano B e 6º ano A, no turno matutino. Cada turma era composta por 22 alunos, totalizando 66 participantes com idades entre 10 e 12 anos. A escolha dessas turmas deveu-se ao fato de se encontrarem em uma fase de transição (dos anos iniciais do ensino fundamental para os anos finais), onde as relações sociais se tornam mais complexas e os comportamentos de bullying costumam se intensificar.

A Escola Municipal Unidade Integrada Isaltina Pereira de Araújo fundada em 2011 localiza-se no município de Barranco Corra, na avenida principal do bairro Vila Mariano. A instituição oferece atendimento educacional desde a educação infantil (creche e pré-escola) até o ensino fundamental dos anos iniciais e finais, bem como a Educação de Jovens e Adultos (EJA). Com um corpo discente aproximado de 900 alunos e um quadro funcional de 120 colaboradores, a escola funciona nos turnos diurno e noturno, em regime presencial. Inserida em um contexto social marcado por vulnerabilidades socioeconômicas, a escola atende majoritariamente estudantes de comunidades carentes, desempenhando um papel relevante na promoção da inclusão social, da cidadania e da equidade educacional.

5.3 Desenvolvimento das ações da proposta de intervenção pedagógica

As atividades foram planejadas de modo a dialogar diretamente com os objetivos específicos da pesquisa, garantindo coerência entre fundamentação teórica, intervenção pedagógica e resultados esperados no que se refere à prevenção e ao enfrentamento do bullying.

□ Apresentação Expositiva e Dialogada: A etapa inicial, voltada à abordagem conceitual do bullying (físico, psicológico, verbal e cyberbullying), suas causas e consequências para agressores, vítimas e espectadores, articulou-se diretamente ao primeiro objetivo específico da pesquisa: discutir as diferentes concepções do fenômeno e seus impactos. Ao promover uma conversa dialogada com apoio de slides, buscou-se ampliar a compreensão crítica dos estudantes, desconstruir concepções equivocadas e evidenciar a gravidade das consequências envolvidas. Essa etapa constituiu a base cognitiva necessária para as reflexões posteriores.

□ Exibição de Recursos Audiovisuais: A apresentação do vídeo informativo e do curta-metragem “*O Menino das Estrelas*”, seguida de debate, esteve alinhada ao segundo objetivo específico: desenvolver atividades que incentivem os alunos a se colocarem no lugar do outro, promovendo solidariedade e compaixão. A sensibilização por meio da linguagem audiovisual favoreceu a identificação emocional com a vítima, estimulando a empatia e a reflexão sobre as próprias atitudes e responsabilidades no ambiente escolar.

□ Dinâmica “Caixinha do Desabafo”: Enquanto principal técnica de coleta de dados, a dinâmica também contribuiu para os três objetivos específicos. Ao possibilitar relatos anônimos sobre vivências como vítima, agressor ou espectador, a atividade aprofundou a discussão conceitual (primeiro objetivo), favoreceu a autorreflexão e o reconhecimento do sofrimento do outro (segundo objetivo) e forneceu subsídios concretos para orientar a necessidade de investigação, acompanhamento pedagógico e encaminhamento adequado dos casos identificados (terceiro objetivo). Dessa forma, a intervenção não se limitou à conscientização, mas também reforçou a importância de uma atuação institucional imediata, justa e articulada com as famílias.

A análise das atividades realizadas evidencia que a intervenção contribuiu efetivamente para atingir os objetivos específicos propostos. A apresentação expositiva e dialogada consolidou a compreensão dos alunos sobre os diferentes tipos de bullying, suas causas e consequências, cumprindo o objetivo de discussão conceitual. A exibição de recursos audiovisuais e o debate associado promoveram a empatia e a reflexão sobre o sofrimento das vítimas, favorecendo a solidariedade e a compaixão entre os estudantes. Por fim, a dinâmica da “Caixinha do Desabafo” possibilitou identificar experiências concretas de vítimas, agressores e espectadores, fortalecendo a consciência sobre a necessidade de investigação imediata e orientação adequada, envolvendo a equipe pedagógica e as famílias. Dessa forma, observa-se que as atividades não apenas sensibilizaram os alunos, mas também forneceram subsídios práticos para a prevenção, o enfrentamento e a gestão institucional do bullying, evidenciando o alinhamento entre planejamento, execução e resultados esperados.

6 RESULTADOS E DISCUSSÕES

As três turmas apresentaram perfis distintos. O 5º ano A demonstrou maior engajamento e emocionalidade durante os relatos. O 5º ano B mostrou-se mais agitado e, inicialmente, tratou o tema com certa naturalização e tom de brincadeira, indicando a banalização de certos comportamentos agressivos. O 6º ano A, por sua vez, refletiu a maior maturidade da faixa etária, com discussões mais complexas e relatos que remetiam a vivências em anos escolares anteriores.

6.1 Produção dos dados a partir da dinâmica caixinha do desabafo

Os dados quantitativos das fichas da “Caixinha do Desabafo” foram tabulados em uma planilha, gerando a Tabela 1. Os relatos escritos foram analisados qualitativamente, por meio da análise de conteúdo, buscando identificar temas recorrentes, experiências marcantes e padrões de comportamento descritos pelos alunos. A observação do comportamento e das falas durante as atividades também foi registrada e considerada na análise.

Os dados anônimos coletados na dinâmica “Caixinha do Desabafo” estão sintetizados na Tabela 1.

Tabela 1 – Resultados comparativos da pesquisa sobre bullying.

Turmas do Matutino	5º ano A.	5º ano B	6º ano
Vítimas de bullying	7	13	14
Espectadores	2	0	3
Agressores	1	1	0
Espectadores que procuraram ajuda	0	0	2
Não responderam à pesquisa	4	5	3
Não sofreram bullying	8	3	0
Total de alunos por turma	22	22	22

Fonte: Autoral (2025).

A tabela revela dados alarmantes: 34 dos 66 alunos (51,5%) relataram já ter sido vítimas de bullying. Chama atenção a progressão entre os anos: no 6º ano, todos os que responderam afirmaram já ter sofrido bullying. Apenas 2 alunos se auto reconheceram, como agressores, um número provavelmente subnotado devido ao estigma. Poucos se identificaram como espectadores que procuraram ajuda, reforçando a cultura do silêncio.

A ação foi realizada com os alunos do 5º Ano A da Escola Isaltina. Iniciamos com uma apresentação em slides abordando: conceito de bullying; tipos (verbal, físico, cyberbullying e psicológico); consequências para a vítima; comportamentos do agressor; impactos emocionais e cognitivos; responsabilidade coletiva no enfrentamento do problema. Além da exposição dialogada, buscou-se promover a participação ativa dos alunos por meio de questionamentos e exemplos do cotidiano escolar, favorecendo a identificação de situações concretas vivenciadas por eles.

Durante a atividade, observou-se que muitos estudantes passaram a reconhecer como bullying comportamentos que antes eram tratados como “brincadeiras”, ampliando sua compreensão sobre o tema. A proposta também incentivou a empatia, ao estimular que se colocassem no lugar da vítima e refletissem sobre os impactos emocionais das agressões. Ao final, reforçou-se a importância de romper com a cultura do silêncio, encorajando os alunos a procurarem apoio de professores, equipe pedagógica e familiares, bem como a assumirem uma postura ativa enquanto espectadores, contribuindo para a construção de um ambiente escolar mais seguro, respeitoso e acolhedor.

Participantes:

Alunos - A atividade contou com a participação de 66 alunos, distribuídos em três turmas do Ensino Fundamental da instituição. Os estudantes tiveram a oportunidade de assistir às exposições, ouvir as explicações e dialogar sobre os temas abordados, os quais foram desenvolvidos por meio de discussões orientadas em sala de aula, promovendo a interação, a reflexão crítica e a participação ativa dos discentes no processo de aprendizagem.

Professores - A atividade contou com a participação de seis professores da instituição, que acompanharam as apresentações dos temas e as exposições realizadas em sala de aula. Esse momento possibilitou a ampliação da compreensão sobre o fenômeno do bullying e seus impactos no ambiente escolar, contribuindo para

a sensibilização dos docentes e para a construção de estratégias pedagógicas voltadas à prevenção, ao enfrentamento e à promoção de relações mais respeitadas no contexto educacional.

Após a explanação teórica, exibimos o curta-metragem “O Menino das Estrelas”, que aborda as dificuldades emocionais vividas por uma criança vítima de bullying. Durante a observação da turma, constatou-se a ocorrência de múltiplas formas de bullying. Alguns estudantes relatavam espontaneamente situações vividas, demonstrando consciência dos episódios de violência.

No entanto, quando propusemos uma dinâmica de relato anônimo e escrito, os alunos demonstraram dificuldade em registrar suas vivências, apesar de terem conseguido narrar oralmente. Essa discrepância revelou um bloqueio emocional significativo relacionado à escrita de experiências traumáticas.

Como o bullying vivenciado pelos estudantes interfere na sua capacidade de expressão escrita e no seu desenvolvimento emocional e cognitivo?

Esse problema dialoga com estudos de Vygotsky (1989), que apontam que traumas podem comprometer funções superiores, e com Fante (2005), que discute as sequelas emocionais e comportamentais do bullying não enfrentado. A recusa dos alunos em registrar suas vivências de bullying, mesmo após tê-las relatado verbalmente, pode estar associada a: Medo de exposição, mesmo no anonimato; Traumas que dificultam a elaboração escrita; Vergonha ou culpa por vivenciar ou praticar bullying; Falta de letramento emocional, isto é, dificuldade de nomear sentimentos; ambiente escolar ainda pouco seguro para externalização de conflitos internos.

Conforme Freire (1996), “ninguém se expressa em um ambiente que o amedronta”. Assim, a escrita se torna um ponto de vulnerabilidade. Além disso, o bullying é um fenômeno que ultrapassa a escola, estendendo-se ao ambiente familiar, virtual e profissional (FANTE, 2005). Isso reforça que se trata de uma questão social, não apenas educativa.

6.2 Relatos dos participantes

Os relatos anônimos e as falas durante o debate trouxeram à tona histórias de profundo sofrimento:

□ Vulnerabilidade e Impotência: No 5º ano A, um aluno escreveu: “Já sofri, mas o pior foi ver minha mãe sofrer bullying e não poder fazer nada porque o agressor era parente de conselheiro”. Este relato mostra como o bullying transcende os muros da escola e a sensação de impotência que paralisa.

□ Consequências Graves para a Saúde Mental: Uma aluna do 5º ano A descreveu: “Me chamavam de gorda e outros apelidos. Fiquei muito triste, parei de comer, não queria mais vir para a escola e até pensei em me matar. Só melhorei quando contei para minha mãe”. Este depoimento evidencia a ligação direta entre a violência verbal, o desenvolvimento de transtornos alimentares e a ideação suicida.

□ Cronicidade do Sofrimento: No 6º ano A, muitos relatos se referiam a episódios ocorridos no 2º e 3º anos, demonstrando que as marcas do bullying podem perdurar por anos e que a prática começa muito cedo.

□ Naturalização da Violência: No 5º ano B, a agitação e a risada durante a abordagem inicial do tema sugerem que atos de humilhação e agressão podem estar banalizados no cotidiano daquela turma, sendo vistos como “brincadeira de mau gosto”.

6.3 Discussão e confronto com a literatura

Os resultados encontrados dialogam plenamente com a literatura. A alta prevalência de vítimas corrobora estudos nacionais que indicam ser o bullying um problema endêmico nas escolas brasileiras (FANTE; PEDRA, 2008). A gravidade dos relatos, incluindo pensamentos suicidas, está em consonância com as pesquisas sobre as consequências devastadoras do bullying prolongado (ORGANIZAÇÃO MUNDIAL DA SAÚDE, 2022).

A dificuldade de os espectadores se posicionarem como defensores e a subnotificação do papel de agressor confirmam a dinâmica de poder e medo descrita por Silva (2010) e Teixeira (2013). A observação de que os alunos do 6º ano relataram bullying de anos anteriores vai ao encontro da ideia de que o fenômeno é repetitivo e deixa cicatrizes duradouras.

A naturalização observada no 5º ano B alerta para o risco de a escola, ao não intervir de forma clara e contundente, passar a mensagem implícita de que tais comportamentos são toleráveis, o que agrava o problema.

7 PROPOSTA DE INTERVENÇÃO E ESTRATÉGIAS DE ENFRENTAMENTO

Com base nos resultados e no referencial teórico, propõe-se um plano de ação contínuo para a escola, estruturado em três pilares: Prevenção, Intervenção e Mobilização.

□ Prevenção: Foco em mudar a cultura escolar, promovendo valores como respeito, empatia e diversidade.

□ Intervenção: Protocolos claros para agir de forma rápida, justa e reparadora quando um caso é identificado.

□ Mobilização: Envolvimento de todos os atores (alunos, professores, famílias, funcionários) em uma rede de proteção.

7.1 Estratégias propostas para a escola campo da realização da proposta de intervenção pedagógica

Capacitação Contínua da Equipe Escolar: Realizar formação periódica para todos os funcionários (docentes e não docentes) para identificar sinais de bullying, mediar conflitos e aplicar os protocolos de forma adequada. Essas formações poderão ser estruturadas por meio de encontros semestrais, oficinas práticas, estudos de caso e simulações de mediação de conflitos, conduzidos pela equipe pedagógica, orientação educacional ou profissionais convidados. A eficácia das capacitações poderá ser avaliada por meio de questionários internos, autoavaliações da equipe e análise dos registros de ocorrências antes e após as formações.

□ Educação Socioemocional Curricular: Inserir no Projeto Político Pedagógico (PPP) atividades regulares que desenvolvam as competências socioemocionais previstas na BNCC, usando metodologias ativas como rodas de conversa, teatro, jogos cooperativos e leitura de histórias. Além disso, recomenda-se que essas práticas sejam acompanhadas por momentos de escuta ativa e avaliação contínua, como entrevistas pós-intervenção ou grupos de discussão com os alunos, a fim de compreender suas percepções sobre as ações realizadas e promover ajustes quando necessário.

□ Campanhas Permanentes de Conscientização: Promover, ao longo do ano, campanhas criadas com a participação dos alunos (cartazes, vídeos, diálogos)

sobre temas como diversidade, respeito, cyberbullying e valorização das diferenças. Essas campanhas podem ser integradas ao calendário escolar, fortalecendo uma cultura permanente de sensibilização e reflexão.

□ Criação de Canais Seguros de Denúncia: Estabelecer e divulgar amplamente canais acessíveis e confidenciais para receber denúncias, como uma caixa de sugestões física e digital, e a figura de um professor ou coordenador de referência para assuntos de convivência. Recomenda-se também a implementação de um sistema contínuo de monitoramento do clima escolar, por meio de questionários periódicos, permitindo avaliar a evolução do cenário e a efetividade das ações implementadas.

□ Protocolo Formal de Atuação: Desenvolver um fluxograma de ação a ser seguido diante de uma denúncia, incluindo: acolhimento da vítima, escuta das partes envolvidas, notificação às famílias, aplicação de medidas educativas ao agressor (como atividades de reparação e reflexão) e acompanhamento psicológico para todos. Sugere-se detalhar as etapas do processo, prevendo acompanhamento contínuo das vítimas e dos agressores, registro sistemático das ocorrências e monitoramento de possíveis reincidências. A medição do impacto das intervenções poderá ocorrer por meio da análise comparativa de novos registros, devolutivas das famílias e avaliações periódicas do clima escolar.

□ Envolvimento das Famílias: Realizar reuniões, palestras e oficinas para os pais, explicando o que é bullying, como identificar se o filho está envolvido e qual o papel da família na parceria com a escola. Além disso, pode-se fortalecer a rede de apoio familiar com a criação de grupos de diálogo entre pais, encontros temáticos mais frequentes e disponibilização de materiais informativos que auxiliem na identificação de sinais de alerta e no encaminhamento adequado das situações.

○ Empoderamento dos Alunos: Fomentar a criação de um “Comitê de Mediação entre Pares” ou “Clube do Respeito”, formado por alunos capacitados para atuar como facilitadores de conflitos e promotores da paz no recreio e em outros espaços.

Criação de Grupos de Apoio: Instituir grupos de apoio para vítimas de bullying, oferecendo um espaço seguro de escuta, partilha e fortalecimento emocional, mediados por profissional habilitado ou membro da equipe pedagógica capacitado.

A intervenção descrita neste trabalho (apresentação, vídeos e Caixa do Desabafo) serve como um ponto de partida eficaz. Ela demonstrou ser capaz de:

- Quebrar o silêncio: A dinâmica anônima permitiu a expressão de vivências reprimidas.
- Diagnosticar a realidade: Ofereceu um retrato quantitativo e qualitativo do problema na escola.
- Iniciar a conscientização: Gerou um momento de reflexão coletiva sobre o tema.

Recomendou-se que essas atividades sejam repetidas periodicamente (ex.: no início de cada semestre) como ferramenta de monitoramento e sensibilização contínua, integradas a um processo permanente de avaliação, escuta e aprimoramento das ações desenvolvidas pela escola.

8 CONSIDERAÇÕES FINAIS.

A presente proposta de intervenção pedagógica, desenvolvida com os alunos do 5º Ano A, 5º Ano B e 6º Ano U da Escola Municipal Isaltina, contou com a participação direta dos estudantes da turma, da professora regente, da equipe pedagógica e das pesquisadoras/interventoras responsáveis pela ação formativa. O momento educativo estruturou-se a partir de uma apresentação em slides, abordando conceitos fundamentais relacionados ao bullying, seus tipos (verbal, físico, psicológico e cyberbullying), consequências para as vítimas, comportamentos do agressor, impactos emocionais e cognitivos, bem como a responsabilidade coletiva no enfrentamento desse fenômeno no ambiente escolar.

A utilização de recursos audiovisuais e do curta-metragem “*O Menino das Estrelas*” mostrou-se uma estratégia pedagógica eficaz para sensibilizar os alunos, favorecendo a identificação com a temática e estimulando a empatia. Durante as discussões, foi possível observar que muitos estudantes reconheciam e nomeavam situações de bullying vivenciadas no cotidiano escolar, relatando espontaneamente experiências próprias ou de colegas, o que evidenciou um nível significativo de consciência acerca das práticas de violência presentes na escola.

Entretanto, ao propor o registro escrito e anônimo das vivências, constatou-se uma dificuldade expressiva por parte dos alunos em transformar o relato oral em

produção escrita. Tal discrepância revelou a existência de bloqueios emocionais associados à escrita de experiências traumáticas, indicando que o bullying interfere diretamente não apenas no bem-estar emocional, mas também na capacidade de expressão, no desenvolvimento cognitivo e no processo de aprendizagem dos estudantes. Essa constatação dialoga com Vygotsky (1989), ao evidenciar que experiências traumáticas podem comprometer funções psicológicas superiores, e com Fante (2005), que destaca as sequelas emocionais persistentes do bullying não enfrentado.

A resistência à escrita pode ser compreendida como resultado de múltiplos fatores, tais como o medo de exposição, mesmo em situações de anonimato, a vergonha, a culpa, a dificuldade de nomear sentimentos (baixo letramento emocional) e a percepção de um ambiente escolar ainda insuficientemente seguro para a externalização de conflitos internos. Conforme afirma Freire (1996), a expressão plena só ocorre em contextos nos quais o sujeito se sente acolhido e respeitado, o que reforça a necessidade de a escola investir na construção de uma cultura de confiança e escuta sensível.

Os relatos dos participantes evidenciaram a gravidade e a complexidade do fenômeno, revelando situações de sofrimento intenso, impotência, impactos severos na saúde mental, como transtornos alimentares e ideação suicida, além da cronificação da violência ao longo dos anos escolares. Observou-se, ainda, a naturalização de práticas agressivas em algumas turmas, o que acende um alerta para o risco da banalização do bullying quando não há intervenções claras, contínuas e sistemáticas por parte da instituição escolar.

A análise dos dados obtidos confirma e reforça os achados da literatura especializada, que apontam o bullying como um problema estrutural e recorrente nas escolas brasileiras, com consequências profundas e duradouras (FANTE; PEDRA, 2008; OMS, 2022). A dificuldade de atuação dos espectadores e a subnotificação do papel do agressor corroboram as discussões de Silva (2010) e Teixeira (2013) acerca das relações de poder, medo e silenciamento que sustentam esse tipo de violência.

Diante desse cenário, torna-se evidente que ações isoladas não são suficientes para promover mudanças estruturais na cultura escolar. A efetividade do enfrentamento ao bullying depende da implementação de um acompanhamento contínuo, com avaliação sistemática do clima institucional, monitoramento de casos identificados e revisão periódica das estratégias adotadas. A continuidade das ações

é condição indispensável para assegurar coerência entre a proposta pedagógica e as práticas cotidianas da escola.

No âmbito preventivo, é fundamental incorporar ao planejamento pedagógico estratégias permanentes voltadas ao desenvolvimento das competências socioemocionais. A promoção da empatia pode ser estimulada por meio de práticas reflexivas, dramatizações e discussões orientadas sobre situações reais. O fortalecimento da autoestima deve ser trabalhado a partir da valorização das singularidades e do reconhecimento positivo entre os pares. A aprendizagem da resolução de conflitos pode ser consolidada por meio de mediações estruturadas e incentivo ao diálogo respeitoso. Tais estratégias precisam integrar o cotidiano escolar de forma sistemática, consolidando-se como parte constitutiva do processo formativo.

A parceria com as famílias também se configura como elemento central na prevenção e no enfrentamento do bullying. O estreitamento dos vínculos entre escola e responsáveis possibilita intervenções mais eficazes, amplia a rede de apoio aos estudantes e favorece a identificação precoce de sinais de sofrimento emocional. A corresponsabilidade entre instituição e família fortalece o compromisso coletivo com a construção de um ambiente seguro e acolhedor.

Por fim, destaca-se a necessidade de estruturar um plano de continuidade que assegure a permanência das ações iniciadas. A inserção definitiva do tema nos documentos institucionais, a formação continuada da equipe escolar, a manutenção de canais seguros de escuta e denúncia e a criação de mecanismos permanentes de acompanhamento da convivência escolar são medidas que contribuem para a consolidação de uma política institucional consistente.

Conclui-se, portanto, que o enfrentamento do bullying exige uma abordagem abrangente, articulada e permanente, fundamentada na prevenção, na intervenção qualificada e na mobilização coletiva. Ao assumir tal compromisso, a escola reafirma sua função social como espaço de formação integral, promovendo o desenvolvimento ético, emocional e social dos estudantes e contribuindo para a construção de uma cultura de respeito, dignidade e convivência pacífica.

REFERÊNCIAS

- ANTUNES, D. C.; ZUIN, A. A. S. **Do bullying ao preconceito: os desafios da barbárie à educação**. *Psicologia & Sociedade*, v. 20, n. 1, p. 33-42, 2019.
- BANDURA, Albert. ***Social learning theory***. New York: General Learning Press, 1977.
- BRASIL. **Lei nº 13.185, de 6 de novembro de 2015**. Institui o Programa de Combate à Intimidação Sistemática (Bullying). Diário Oficial [da] República Federativa do Brasil, Brasília, DF, 9 nov. 2015.
- BRASIL. Ministério da Educação. **Base Nacional Comum Curricular (BNCC)**. Brasília: MEC, 2017.
- DEL PRETTE, Almir; DEL PRETTE, Zilda Aparecida Pereira. **Psicologia das habilidades sociais: diversidade teórica e suas implicações**. Petrópolis: Vozes, 2017.
- FANTE, C. **Fenômeno bullying: como prevenir a violência nas escolas e educar para a paz**. 2. ed. Campinas, SP: Verus, 2005.
- FANTE, C.; PEDRA, J. A. **Bullying escolar: perguntas e respostas**. Porto Alegre: Artmed, 2008.
- FREIRE, P. **Pedagogia da autonomia: saberes necessários à prática educativa**. São Paulo: Paz e Terra, 1996.
- KLEIN, A. M. **Bullying: a brutalidade entre iguais**. Curitiba: Juruá, 2011.
- LIBÂNEO, J. C. **Organização e Gestão da Escola: Teoria e Prática**. 5. ed. Goiânia: Alternativa, 2001.
- OLWEUS, Dan. **Bullying na escola: o que sabemos e o que podemos fazer**. Oxford, Reino Unido; Cambridge, EUA: Blackwell, 1993.
- ORGANIZAÇÃO MUNDIAL DA SAÚDE (OMS). **Relatório Mundial sobre Prevenção da Violência**. Genebra: OMS, 2022.
- PIAGET, J. **A epistemologia genética**. São Paulo: Abril Cultural, 1977. (Coleção Os Pensadores).
- SILVA, A. B. B. **Bullying: mentes perigosas nas escolas**. Rio de Janeiro: Objetiva, 2010.
- SILVA, Jorge Luiz da et al. **Bullying e habilidades sociais de estudantes em transição escolar**. *Psico-USF*, Bragança Paulista, v. 27, n. 1, p. 17–29, 2022.

TEIXEIRA, G. **Manual antibullying: para alunos, pais e professores**. Rio de Janeiro: BestSeller, 2013.

VYGOTSKY, L. S. **A formação social da mente**. 6. ed. São Paulo: Martins Fontes, 1998.

APÊNDICE 1 - CARTA DE APRESENTAÇÃO.**UNIVERSIDADE
ESTADUAL DO
MARANHÃO****CAMPUS UEMA BARRA DO CORDA
CARTA DE APRESENTAÇÃO**

De: Ana Cláudia Araujo Meneses
Secretária do Curso de Pedagogia
Para: Silmara Gonçalves Pinho
Escola: Unidade Integrada Isaltina Pereira Araújo

Barra do Corda – MA

ASSUNTO: A Escola como Ambiente Seguro: Estratégias de Prevenção e Combate ao Bullying.

Sr. (a) Diretor (a),

Venho através desta solicitar de Vossa Senhoria permissão para as acadêmicas **Carliane Dias e Ilma Dias** do Curso de Pedagogia deste Campus, para que possa realizar a **Proposta de Intervenção** nesse estabelecimento de ensino.

Sem mais para o momento, subscrevo-me.

Atenciosamente, a Direção do Curso de Pedagogia.

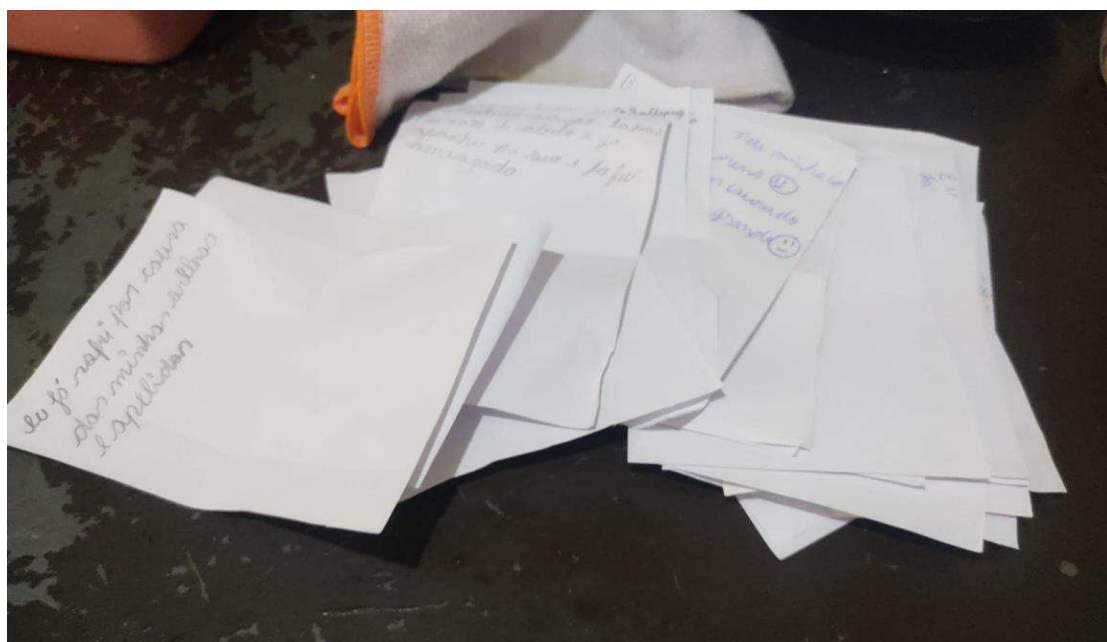
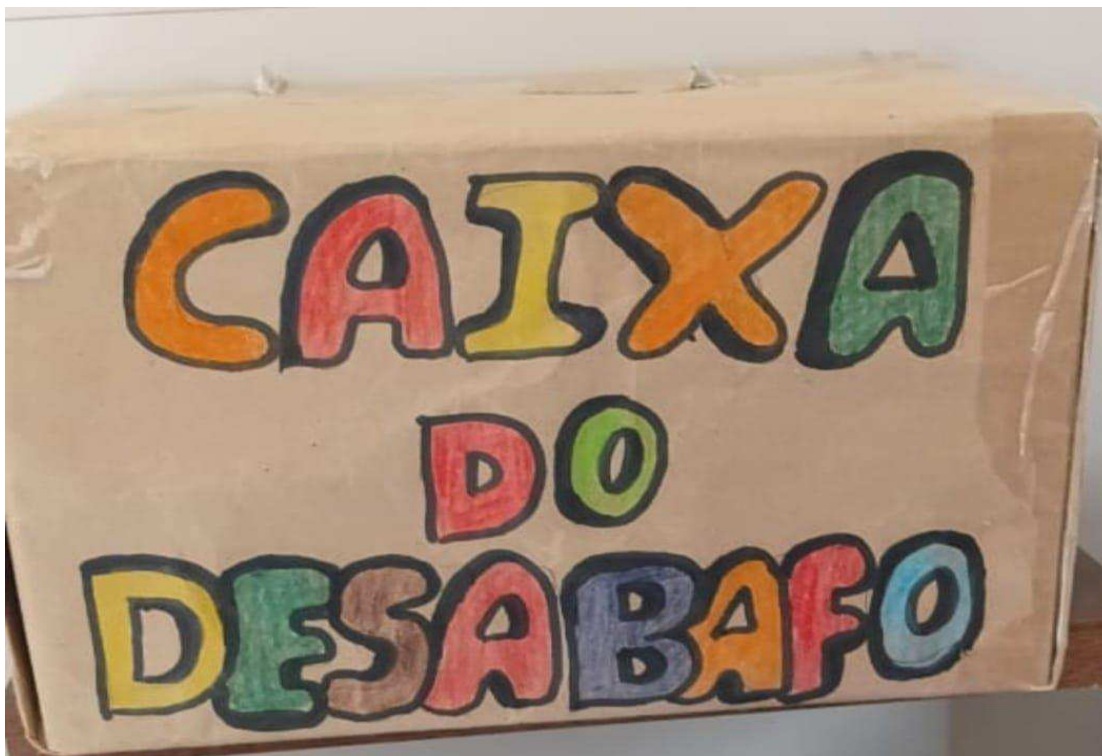
Ana Cláudia Araujo Meneses
Secretária do Curso de Pedagogia
UEMA - Unidade Integrada Barra do Corda
UICB - Rua Isaltina Pereira Araújo, 100
Barra do Corda - MA - CEP: 65.120-000

Secretária do Curso
Ana Cláudia Araujo Meneses

Silmara Gonçalves Pinho
Diretor (a) da Escola
Silmara Gonçalves Pinho

Barra do Corda (MA), 25 de Novembro de 2025.

APÊNDICE 2 - REGISTROS FOTOGRÁFICOS DA DO MATERIAL DOS ALUNOS



Fonte: Autorial (2025)

APÊNDICE 3 - REGISTRO FOTOGRÁFICO - 5º ANO A MATUTINO.

Fonte: Autoral (2025)

APÊNDICE 4-A-REGISTRO FOTOGRÁFICO 5º ANO B MATUTINO

Fonte: Autoral (2025)

APÊNDICE 5 – REGISTRO FOTOGRÁFICO DO 6º ANO MATUTINO

Fonte: Autorial (2025)